

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA SOB O OLHAR DE PROFESSORAS, FAMÍLIAS E CRIANÇAS

PEDAGOGICAL PRACTICES IN CHILDHOOD EDUCATION IN PANDEMIC TIMES UNDER THE VIEW OF TEACHERS, FAMILIES AND CHILDREN

Aline da Silva Ferreira Aderne 1
Thainy Kléia Lira Cavalcante 2
Surama Angélica da Silva 3

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da 1
Universidade Federal de Alagoas. Professora do Ensino Básico, Técnico e
Tecnológico da UFAL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3404963120157104>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6380-9366>.
E-mail: aline.ferreira@progep.ufal.br

Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação 2
da Universidade Federal de Alagoas. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação
Infantil e Desenvolvimento Humano GPEIDH/UFAL.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525333032836108>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1058-4647>.
E-mail: thainylira@gmail.com

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da 3
Universidade Federal de Alagoas. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação
Infantil e Desenvolvimento Humano GPEIDH/UFAL. Professora do Ensino
Básico, Técnico e Tecnológico da UFAL.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1865407469192073>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3131-9191>.
E-mail: surama.silva@ndi.ufal.br

Resumo: Este artigo busca refletir sobre as práticas pedagógicas na educação infantil em tempos de pandemia, sob o olhar das professoras das turmas maternal I e II, famílias e crianças da Unidade de Educação Infantil Professora Telma Vitória (UEIPTV), localizada na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Tomando por base os relatos desses sujeitos no Webinário Experiências de professoras, crianças e seus familiares em tempos de distanciamento social, promovido pelo Grupo de Pesquisa Educação Infantil e Desenvolvimento Humano da UFAL. As reflexões pautam-se nas experiências e impactos da pandemia no desenvolvimento das crianças e relação escola-família, mediante uma tecedura com os documentos legais da educação infantil, e de pesquisadores que discutem a educação infantil no contexto atual, trazendo a importância do olhar acolhedor para as famílias e crianças; apontando-se, assim, a contribuição das brincadeiras e interação para o fortalecimento de vínculos entre escola-família-criança e desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pandemia. Práticas Pedagógicas.

Abstract: This article seeks to reflect on the pedagogical practices in early childhood education in times of pandemic, under the view of the teachers of classes I and II, families and children of the Unidade de Educação Infantil Professora Telma Vitória - UEIPTV, located at the Federal University of Alagoas - UFAL. Based on the reports of these subjects in the Webinar Experiences of teachers, children and their families in times of social distance promoted by the Research Group Early Childhood Education and Human Development of UFAL, the reflections will be based on the experiences and impacts of the pandemic on the development of children and school-family relationship, from a weave with the legal documents of early childhood education, and researchers who discuss early child education in the current context, bringing the importance of a welcoming look to families and children; thus pointing out the contributions of games and interactions to strengthen bonds between school-family-child and child development.

Keywords: Early Childhood Education. Pandemic. Pedagogical practices.

Introdução

O fim do ano de 2019 para a China foi marcado pelo novo coronavírus – covid 19, chegando a se alastrar mundialmente, configurando-se em uma pandemia. Em fevereiro de 2020, o Brasil apresentou o primeiro caso de covid-19, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Especificamente em Alagoas, na capital Maceió, o primeiro caso surgiu em março de 2021, implicando isolamento/distanciamento social no estado de Alagoas conforme o Decreto n.º 69.541 de 19 de março de 2020.

Considerando a proliferação de casos suspeitos nos estados do Nordeste, o que culmina com a necessidade de redução da circulação de pessoas e ações mais restritivas no sentido de barrar o avanço da disseminação da doença, preservando a saúde da população alagoana, especialmente das pessoas mais vulneráveis pela contaminação; e considerando que uma das medidas de controle mais eficaz e importante para controle do avanço COVID-19 (coronavírus) é o isolamento social da população durante o período excepcional de surto da doença. (ALAGOAS, 2020).

Diante dessa preocupação, o governador, em conformidade com a OMS, decreta emergência no estado de Alagoas, decorrente da covid-19 e reforça em seu artigo 2.º que se faz “necessário intensificar as medidas de restrição, [...]” ficando “suspensão, em território estadual, por 10 (dez) dias, a partir da 0 (zero) hora do dia 21 de março de 2020” (ALAGOAS, 2020).

Como forma de prevenção da doença, vários setores precisaram ser fechados, incluindo a escola, levando em consideração as interações e o elevado número de pessoas que permanecem na escola por um longo período. A preocupação se assentava na possibilidade das crianças e jovens serem os portadores assintomáticos para os familiares da terceira idade, faixa etária que apresentava o maior número de óbitos.

No entanto, a OMS vinha alertando que as medidas de prevenção deveriam ser empregadas a todas as pessoas, incluindo adultos saudáveis e crianças, uma vez que a taxa de mortalidade vinha ocorrendo entre a faixa acima dos 60 anos, o que não justificava a tranquilidade e a falta de prevenção em relação ao restante da população.

Com os alunos e alunas fora do ambiente físico escolar, foi preciso reinventar as aulas por meio do ensino remoto, gerando, de certa forma, vários desconfortos e desigualdade social, visto que nem todos e todas tinham acesso a recursos tecnológicos. No tocante à educação infantil, foco deste artigo, a situação com o isolamento social tornou-se muito mais preocupante, visto que essa etapa da educação básica apresenta algumas especificidades para o desenvolvimento das crianças.

Diante do índice do isolamento social, várias discussões foram lançadas pelos pesquisadores e movimentos sociais que lutam pelos direitos das crianças até os 6 anos de idade. Ainda no início da pandemia, foi possível observar no artigo de Suzana Marcolino (2020), *As crianças e a pandemia: quais os direitos?*, uma bela exposição, em concordância com o *Guia para a comunidade escolar e profissionais da educação e da proteção da criança e do adolescente*. Em seu diálogo, a autora traz alguns pontos de destaque, tais como o papel do adulto; a preocupação com a desigualdade social por meio da proposta da educação a distância (EAD), a importância da brincadeira e a relação família–escola.

Com a perspectiva do ensino remoto, foi possível detectar várias propostas pedagógicas que passaram a andar na contramão dos direitos das crianças presentes nos documentos normativos e legais da educação infantil. Diante desse cenário, Fochi (2020) em seu artigo *Como zelar pela educação infantil em tempos de isolamento social?*, já nos alertava que o trabalho desenvolvido na educação infantil não poderia ser confundido com um punhado de trabalhos que se pode imprimir ou comprar em uma banca de jornal.

No cotidiano, inclusive de uma das autoras deste artigo que é mãe de uma criança de 2 anos e 8 meses, matriculada¹ em uma escola particular, foi possível perceber que as atividades

1 Diante do número elevado de atividades com cunho escolarizado, a autora, pesquisadora da área da Educação

remotas para as crianças da educação infantil estavam concentradas em um elevado número de atividades de cunho escolarizado, com atividades de casa, que exigiam o maior tempo diante das telas, demonstrando o desespero e a falta de reflexão por parte da instituição, pois, ainda segundo Fochi (2020), era curioso observar o desespero das escolas em “receitar” às famílias atividades e situações que descaracterizam em absoluto o trabalho que é feito nas escolas de educação infantil.

Outro destaque, ainda com relação às implicações do ensino remoto, dar-se-á às propostas com foco nas brincadeiras, pois elas continuam sendo oferecidas como um meio pedagógico para aprendizagem específica, perdendo a característica do elemento prazeroso da brincadeira, como citado por Haddad (2013, p. 123):

Apesar de teoricamente a brincadeira ser considerada como uma atividade válida por si mesma e importante para o desenvolvimento a aprendizagem da criança, isso não é evidente nas práticas educativas das instituições de Educação infantil. O valor atribuído ao ensino direto do professor e das atividades de aprendizagem específicas ainda é muito maior do que o valor atribuído à brincadeira.

Em tempo de pandemia e de mudanças, portanto, cabe a nós, professores e professoras, mesmo com todas as dificuldades de escutar, olhar nos olhos, sentir, brincar juntos, tornar oportuno às famílias momentos livres de brincadeiras que venham fortalecer os vínculos, as emoções tão fragilizadas em virtude do contexto, noção de organização dos espaços, papel social, e o diálogo sobre a realidade, pois, segundo Marcolino (2020, n. p.): “A realidade afeta a criança que expõe isso na brincadeira, interpretando uma relação social, um personagem carregado de emoção ou uma situação que observou na realidade.” Estabelecendo, dessa forma, uma relação com a nossa legislação, tanto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) como na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (BNCC), que temos como eixos do currículo as interações e as brincadeiras.

As crianças precisam ter seus espaços para brincar, criar, bagunçar dentro de casa ou no quintal. Depois, tudo poder ser limpo e organizado por crianças e adultos conjuntamente. Com essa rotina de brincar e arrumar, as crianças vão ganhando maior autonomia em relação a arrumação dos espaços e logo poderão fazer isso com menos ajuda. (MARCOLINO, 2020, n. p.).

Considerando tais aspectos – brincadeiras e interações –, em especial, o que está posto no artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), destacando que a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os 6 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Complementando a ação da família e da comunidade, o presente artigo propõe uma reflexão das práticas vivenciadas durante a pandemia na Unidade de Educação Infantil Professora Telma Vitória (UEIPTV), também conhecida como Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI)/UFAL² na perspectiva e olhar das professoras de duas turmas de crianças entre 2 e 4 anos de idade, sendo uma turma caracterizada como maternal 1 e a outra como maternal 2, cada uma delas composta por 15 crianças.

Tais reflexões surgem dos relatos desses sujeitos no Webinário Experiências de professoras, crianças e seus familiares em tempos de distanciamento social, promovido pelo GPEIDH da UFAL.³ Para conferir o objetivo proposto neste artigo, apresentamos inicialmente a origem do Webinário como meio de divulgação da experiência, traçando assim o percurso metodoló-

Infantil, optou por cancelar a matrícula, lembrando-se da frase de Tonucci (2020): “Não percamos esse tempo precioso com lição de casa.”

2 O NDI surgiu na década de 1980, através das reivindicações de técnicas da universidade, e acolhe crianças filhas de servidores, estudantes e da comunidade circunvizinha. A instituição conta com uma equipe multidisciplinar, composta por servidores/as da UFAL e da Secretaria Municipal de Educação (Semed) de Maceió.

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ulxR0zdkQF8>.

gico para construção deste artigo e reflexões com cunho qualitativo. Em seguida, trazemos em três tópicos reflexões das práticas desenvolvidas no antigo NDI, antes e durante a pandemia, na ótica das professoras, dois familiares e uma criança que participaram do evento mencionado.

Traçando caminhos para relatos dos profissionais, familiares e crianças da educação infantil em tempo de pandemia – Covid 19

A proposta do Webinário Experiências de professoras, crianças e seus familiares em tempos de distanciamento social, liderado pela professora Dra. Lenira Haddad, nasce por meio de alguns questionamentos e interesses de integrantes do grupo, que são professoras da educação infantil e mães de criança bem pequenas que desejavam escutar as professoras e suas práticas, visto que nas mídias participavam apenas gestores e técnicos de secretarias que, por sua vez, relatavam as práticas desenvolvidas pelas professoras. Com o objetivo de ampliar a proposta de modo a integrar outros sujeitos da área, as integrantes sugeriram uma série de Webinários, intitulada: Desafios e Perspectivas da Educação Infantil em Alagoas no contexto da pandemia, com o objetivo de colaborar com o debate sobre o papel da Educação Infantil diante do contexto imposto pela pandemia de Covid-19, dando destaque à escuta de profissionais de educação infantil, crianças e famílias.

A Série de Webinário, transmitida pelo Programa de Formação Continuada em Docência do Ensino Superior (Proford/UFAL), dividiu-se em três momentos: *Experiências de professoras, crianças e seus familiares em tempos de distanciamento social*; *Experiências de profissionais, crianças e seus familiares em período de distanciamento social*; por último: *O retorno da Educação Infantil em contexto de pandemia*.

Ao longo desse momento histórico complexo de dimensão global, imposto pela pandemia de Covid-19, o grupo de pesquisa vem discutindo internamente, com base nos documentos originados nesse período, protocolos e lives, questões que buscam colaborar com o debate sobre a educação infantil no que se refere às práticas pedagógicas impostas, o cuidado, e o papel social das instituições de educação infantil e famílias, pois muitos desafios foram e ainda estão sendo postos para as famílias e trabalhadores da educação infantil, em especial, nesse momento em que se pensa no retorno à escola.

Nesse sentido, o grupo enxergou a importância da escuta das diferentes vozes que permeiam a educação das crianças até 6 anos de idade no estado de Alagoas, para que possam socializar as práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo dessa pandemia, seus saberes e fazeres, relações, sentimentos e expectativas quanto ao possível retorno, uma vez que o momento atual é de organização setorial para zelar pela saúde e educação das crianças, trabalhadores e familiares.

Destaca-se que no grupo de pesquisa temos integrantes que são mães de bebês e crianças pequenas; professoras da Educação infantil, técnicas de Secretarias de Educação, estudantes de Pedagogia, as quais dialogam e refletem sobre o impacto desse complexo tempo difícil e incerto imposto pela pandemia de Covid-19, baseadas nas experiências vivenciadas ao longo desses meses, seja no contexto familiar, escolar, seja institucional. Nesse primeiro encontro foi possível contar com duas integrantes do grupo de pesquisa, que são professoras da UFAL e atuam na UEIPTV, e com uma mãe de criança pequena como mediadora.

Neste artigo, com base em uma análise qualitativa, daremos ênfase ao primeiro Webinário, apresentado no dia 17 de agosto de 2020, pela plataforma YouTube, como momento ímpar para discutir e refletir sobre os apontamentos das professoras, famílias e criança, levando em consideração o meio de transmissão de forma pública. Diante da importância desse evento, conforme o grande número de visualizações, passando de duas mil em menos de 24 horas, desde que foi ao ar, achamos relevante revê-lo, tecendo reflexões e diálogos com base na legislação, e de pesquisadores que discutem o contexto atual no que se refere à educação infantil. Metodologicamente, optou-se por rever o vídeo, transcrevendo as falas dos participantes destacados neste artigo: professoras, crianças e famílias, seguindo a ordem da programação do Webinário.

No primeiro Webinário, buscou-se chamar a atenção para o diálogo a respeito das práticas que vêm sendo desenvolvidas no contexto que antecedeu e está dentro do distanciamento

social, em articulação entre as turmas, famílias e as expectativas quanto ao retorno às atividades com as crianças.

Nesse sentido, o diálogo neste encontro foi com professoras, famílias e criança sobre as práticas pedagógicas vivenciadas pela UEIPTV, antigo NDI da UFAL, ao longo da pandemia de covid-19. A escolha dessa unidade justifica-se pela relação com a UFAL e pelo trabalho coletivo (Instituição e família), que vem sendo desenvolvido e ratificado com base nas DCNEI (BRASIL, 2010).

Práticas pedagógicas vivenciadas pelas professoras com crianças e famílias em tempos de pandemia

Na Unidade de Educação Infantil (UEI), os projetos nascem cotidianamente conforme os interesses e as demandas apresentadas pelas crianças, que assumem o lugar de protagonistas no processo educativo. Essa concepção tem por base os documentos oficiais, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e as Orientações Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – OCNEI (MACEIÓ, 2015).

Nesse sentido, no início de 2021, as turmas em questão trabalhavam com projetos relacionados com a realidade de cada uma delas. No maternal I, as crianças encontravam-se em adaptação e acolhimento, uma vez que frequentavam pela primeira vez uma instituição educativa. Conforme mencionado:

Essa turma iniciou antes da quarentena, mesmo assim, esse trabalho de acolhimento, apoio, tanto às crianças quanto às famílias, de escuta, ele foi dado durante o distanciamento social. Para que a gente pudesse fortalecer o vínculo e de algum modo acompanhar o desenvolvimento dessas crianças. Aí demos continuidade em parceria com o maternal 2. (S. S).

No maternal II, as crianças estavam frequentando a instituição pelo segundo ano. Desse modo, dois projetos estavam sendo desenvolvidos em paralelo: “Identidade e Autonomia” e “Educação Ambiental”. Esses projetos contam com propostas voltadas para o acolhimento das crianças e de sua família e buscam contribuir no fortalecimento de sua autonomia e promover ações para a consciência ambiental.

Com o início do distanciamento social, conforme a portaria do Ministério da Educação de 17 de março de 2020 (BRASIL, 2020), as atividades presenciais passariam a ser substituídas por meios digitais. Entretanto, a educação infantil possui especificidades que a diferenciam das demais etapas da educação básica. A própria legislação não prevê a utilização da educação a distância nessa etapa como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

Desse modo, enquanto integrantes das equipes de sala, compostas por professoras, auxiliares e recreadoras, duas de nós, professoras dos maternais I e II, com auxiliares de sala e recreadoras, decidimos articular os projetos que já vinham sendo desenvolvidos em nossas turmas desde o início do ano letivo e, ao mesmo, respeitar a proposta da instituição. Assim, em continuidade às práticas desenvolvidas antes da pandemia, surgiram dois projetos que seguem encadeados e se encontram registrados no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFAL.⁴

A gente tem clareza de que está vivendo uma pandemia, um momento totalmente atípico e que a nossa prioridade é sobreviver. Então, é por isso que a experiência que a gente está trazendo hoje, é uma experiência nossa, não é um modelo, nem é um formato defendido, mas algo que tem feito sentido para nós hoje. (A. A).

⁴ Essa prática ocorre na instituição, desde 2016, por meio do projeto de extensão “A Formação Continuada e em Serviço de Profissionais que Atuam na Educação Infantil: desafios e possibilidades no NDI/UFAL”, no intuito de formalizar ações de extensão desenvolvidas na instituição e certificar todos e todas que se envolvem.

O Projeto Processo de Adaptação e Acolhimento: Vivências no Maternal I antes e durante o Distanciamento Social, que busca potencializar o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, durante o processo de adaptação e acolhimento, tendo como eixos norteadores brincadeiras e interações, considerando a importância da educação ambiental.

Enquanto o Projeto Acolhimento e Exploração de Mundo na Infância: Vivências no Maternal II antes e durante o Distanciamento Social, busca promover práticas que articulem as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos relacionados com o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. Suas propostas priorizam brincadeiras e interações, em conformidade com as DCNEI (BRASIL, 2010) e consideram os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, que incluem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se em harmonia com a BNCC (BRASIL, 2018). Sobre isso, Marcolino (2020), de forma muito assertiva, menciona o papel do adulto nesse contexto:

O papel do adulto nessa situação é oferecer escuta para as crianças e trazer informações para que elas possam ampliar seu conhecimento sobre o vivido. Quando nos referimos a 'escutar às crianças' referimos a ouvir o que elas dizem, mas também observar outras expressões (gestos, desenhos, emoções, seus sonhos ou pesadelos), pois nem sempre aquilo que ela sente e pensa é expressado pela fala, mas de modo difuso em sua forma de agir e nas suas relações. Se elas expressam de diferentes formas, diversas formas nós temos de apresentar a situação, através de histórias, vídeos, desenhos, enfatizando que ela está protegida e que muitos adultos estão trabalhando para a situação melhorar. (MARCOLINO, 2020, n. p.).

Há alguns anos, adotamos na instituição a criação de grupos de *WhatsApp* para nossas turmas. Por meio desses grupos, dialogamos e trocamos informações relacionadas com a nossa turma e com responsáveis. Com o distanciamento social, nossos grupos de sala se constituíram em um espaço de acompanhamento, escuta e apoio às famílias. Nas duas turmas, houve grande adesão das famílias, e esse envolvimento tem sido utilizado em nosso favor, pois tem possibilitado a continuidade da assistência às crianças, mesmo de forma limitada. Seguiríamos, então, com nossa escuta e fala, esclarecendo dúvidas, e fornecendo informações por meio de textos, reportagens e sugestões de propostas que poderiam ser realizadas em casa, de modo que respeitassem sua vivência, rotina e realidade. Além disso, levamos em consideração a preocupação da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) em seu Manual de Orientação, com o acesso cada vez mais precoce e indiscriminado das crianças no que se refere às tecnologias.

Com base nos aspectos mencionados, os projetos seguem por duas vias: sugestões de práticas brincantes no grupo de sala e encontros virtuais via *Zoom*, sendo esse segundo momento pensado no intuito de matarmos a saudade e sabermos como as crianças e sua família estão. As propostas incluem momentos de leitura, sessão de cinema, preparação de receitas culinárias e refeições, organização da rotina das crianças, apreciação de álbuns de fotografia, brincadeira com lanternas, banho de bacia, banho de bonecas e brinquedos.

Essas sugestões são lançadas por nós uma vez por semana ou a cada quinze dias e acompanhadas diariamente, havendo diálogo entre a equipe de sala e as famílias, que costumam fazer registros. A participação das crianças é voluntária, sem nenhuma exigência ou obrigatoriedade, assim como os registros dessas práticas por parte das famílias.

O olhar das crianças a respeito da pandemia e das experiências na família

Em continuidade às práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras, esta seção busca refletir a respeito do olhar da criança apresentado no Webinário.

Ao longo do ano letivo de 2020, priorizamos manter um contato próximo com a família de nossas crianças, pois sabemos que, quanto mais elas estiverem presentes, melhor podemos conhecê-las de modo que possamos planejar nossas intervenções e apoiá-las em suas dificuldades e desenvolvimento, sem sermos invasivos, como sugere Fochi (2020): "Em casa, deixem

as crianças no papel de filhos e os pais no papel de pais.”

Nessa aproximação, tivemos a possibilidade de perceber o que as crianças estavam sentindo e como estavam percebendo esse momento de pandemia. Nesse sentido, para fazer parte do Webinário, trazendo um pouco de suas experiências, convidamos uma criança do NDI, maternal II,⁵ para falar sobre o assunto, respeitando seu interesse em se expressar. Levando em consideração a vontade da criança no momento, e como forma de prever um possível silêncio no momento do diálogo no Webinário, solicitamos que a família gravasse previamente um vídeo dialogando com ela como estratégia da garantia de que conseguiríamos ouvi-la. Também achamos por bem convidar as professoras que acompanham a criança uma vez que cotidianamente estão em contato com ela; assim pudesse deixá-la mais à vontade, bem como proporcionar um ambiente lúdico, tanto por parte da família quanto da mediadora com brinquedos atrativos. Ressalvamos que o diálogo se realizou em tempo real e L. R. se sentiu muito à vontade. Uma conversa sincera e cuidadosa com as crianças pode ajudá-las a compreender, lidar e até contribuir de modo positivo.

No início do diálogo, perguntou-se à criança o que ela vinha fazendo com a família durante esse tempo. Ela respondeu que brincou de muitas coisas, de cozinhar com a mãe, de jogar bola com o pai, de cantar enquanto seu pai toca violão, cuidou das bonecas e dos brinquedos. Marcolino (2020) ressalta a importância do brincar para a criança:

No tempo das crianças, é importante que exista o momento de brincar. O conhecimento que temos hoje permite-nos dizer que brincar é fundamental para as crianças lerem o mundo. A realidade afeta a criança que expõe isso na brincadeira, interpretando uma relação social, um personagem carregado de emoção ou uma situação que observou na realidade. (MARCOLINO, 2020, n. p.).

Nesse sentido, o contexto social é importante para o brincar infantil. Brougère (2002, p. 25) complementa que “o brincar não pode ser separado das influências do mundo, pois, não é uma atividade interna do indivíduo, mas é dotado de significação social”.

Em continuidade, perguntamos à criança o que ela sentia falta na instituição; ela respondeu: “dos brinquedos e dos amiguinhos.” Essa resposta ratifica a importância do eixo “brincadeiras e interações” que norteia a educação infantil.

Perguntamos também se havia algo que a criança fazia na instituição que não pode fazer em casa. Ela respondeu que brincar com areia, massinha, plantas, bichinhos, pula-pula. Sua fala evidencia quanto sente falta da escola, da infância e dos espaços que explorava, reforçando a importância do contexto escolar.

Levando em consideração o contexto atual de pandemia causado pelo coronavírus, perguntamos a L. R. se ela sabia o que seria o vírus. Respondeu: “Sim, ele é chato, deixa a gente muito doente, e para se proteger dele, deve usar máscara quando sair de casa.”

Percebemos, com o diálogo acima, que a criança tem conhecimento e sentimento em relação a toda essa situação por que estamos passando, e elas “não apenas se interessam pelos acontecimentos do seu entorno como também são fortes e capazes para compreendê-los” (MARCOLINO, 2020, n. p.).

A fala dessa criança representa as outras crianças da instituição, pois na condição de professoras, diariamente conversando com as famílias e com crianças da turma pela qual somos responsáveis, notamos que elas percebem a situação que as rodeia, sejam coisas boas ou ruins. Nessa percepção ela questiona, cria respostas, imagina soluções e explicações interessantes.

Sobre essa questão, Suzana Marcolino (2020, n. p.), quando indagada sobre o que é mais importante nesse momento em relação às crianças, diz:

[...] é criar e aproveitar as oportunidades existentes – uma conversa entre os adultos que as crianças ouvem e questionam, uma notícia na TV ou no rádio, a conversa entre

5 L. R., 4 anos, do maternal II do NDI/UFAL. Sua fala pode representar boa parte das crianças.

as próprias crianças, um desenho, a brincadeira – para que elas possam falar sobre o que pensam e sentem sobre a pandemia. (MARCOLINO, 2020, n. p.).

Essas escutas sensíveis são essenciais para os adultos. Diariamente, notamos a criança já acostumada a não ser ouvida, repetidamente e de forma exaustiva, verbalmente e não verbal, insistem até que consigam ser ouvidas. Ocupados com a demanda do dia a dia, os adultos não percebem a importância de ouvir e do diálogo com as crianças, mas Oliveira-Formosinho e Lino (2008, p. 70) ressalva que “escutar as vozes das crianças como forma de melhor as conhecer e melhor identificar e responder às suas necessidades, interesses, competências e direitos”, demonstra que escutar é interpretar o conjunto de formas de expressões que envolvem todos os sentidos da criança. É parar, ouvir, interpretar, analisar e contextualizar as vivências.

A compreensão/significado das/dessas experiências para as famílias

Em continuidade com o nosso diálogo, esta seção reflete as experiências tecidas no ambiente familiar nesse tempo de pandemia sob o olhar de dois pais⁶ representantes que participaram do Webinário *Experiências de professoras, crianças e seus familiares em tempos de distanciamento social*.

Muito se tem discutido sobre o papel da escola e da família nesse tempo de isolamento social com relação às crianças e sua educação. Para Fochi (2020), não se deve criar uma formalidade a esse encontro escola-família, como também não se deve pedir aos pais e mães que se transformem em pedagogos. O autor destaca que nesse momento a escola pode dar espaço, possibilidade e instrumento para que possam se encontrar – filhos, filhas, pais e mães – ou reencontrar no verdadeiro exercício de serem pais, como enfatizado pelo autor que o tempo de pandemia tem um lado bom, compreendido como um tempo de suspensão que nos abre algumas possibilidades de reflexão e de revisão da nossa existência.

Propõe Tonucci (2020), em uma entrevista concedida ao Jornal El País (Barcelona), que a casa nesse tempo de pandemia seja considerada um laboratório, de modo a descobrir coisas, sendo os pais e professores nesse momento colaboradores. O autor traz alguns exemplos: compreender como uma máquina de lavar funciona, estender roupa, passar costurar entre outras coisas.

Nesse sentido, o papel adulto, sejam pais, mães, sejam professores e professoras, é de oferecer uma escuta sensível das crianças, por meio de todos os sentidos, como já dizia Montessori, de modo que ampliem o conhecimento do mundo atual, promova oportunidades de aprendizagem ativa, entenda seus sentimentos e a falta que a escola está fazendo neste momento, em especificidades, dos colegas, pois, como destaca Tonucci (2020): “As crianças sentem muito a falta da escola, ou seja, não dos professores e das carteiras e sim a falta dos colegas.”

Para direcionamento do nosso diálogo com as famílias no Webinário, solicitamos que os pais falassem um pouco da sua experiência quanto às brincadeiras com as crianças, angústias iniciais com a suspensão das atividades presenciais; organização da rotina da criança; a ampliação da afetividade se houve ou não; os medos e a angústia das crianças, se foram notados ou não quanto aos comentários na mídia, doenças na família, desenvolvimento das crianças nos projetos.

Inicialmente, chama nossa atenção a fala do pai (H. M.) ao relatar:

Ninguém sabia como se comportar ou reagir. Nós tínhamos toda uma rede de apoio, rotina estabelecida com nossa filha que está no maternal I. Ela já adorava ir à creche e, de uma hora para outra, ela se vê sem o espaço dela.

Tal fala se torna muito comum entre as famílias, pois, como ressalta Fochi (2020), não é nada fácil ficar trancado em casa, é difícil para as crianças, para as mães e pais e para todo

⁶ No cotidiano, utilizamos as mais diversas formas de comunicação com as famílias, e em virtude da adesão nesse processo com relatos positivos, consideramos pertinente convidar duas famílias representantes.

mundo que está se vendo assombrado por medos, angústias e incertezas.

Um dúvida que eu e minha mulher tínhamos, nós teríamos que continuar trabalhando com ela ao nosso lado. Acho que todo mundo já viu aquela cena com os pais trabalhando e o filho ao lado. Isso com a gente está acontecendo. É o momento que todos têm de ter compreensão! (H. M).

Tanto quanto essa preocupação citada, os pais também se preocupavam com a produção das atividades propostas, ao mesmo tempo que gostariam de estar mais junto de seus filhos nas produções, como relatado pela mãe (B. S): “Logo no início, eu queria ter um grande envolvimento com L. R. nessas propostas porque, com toda ruptura, isso prejudicava no desenvolvimento dela na escola.” Tonucci (2020) destaca que “normalmente o tempo que passam (pais) com elas é para acompanhá-las em atividades e não para viver com elas”. No entanto, foi possível perceber na fala da mãe que existiu uma grande preocupação e vontade de querer estar junto da filha além das produções.

Eu como mãe estudante, junto com meu marido, a gente tinha todo o momento criativo para sair um pouco do padrão das coisas, além de desenvolver e criar coisas. No meu caso, eu tenho mais relação com a matemática, eu construí um tangran com as sete peças do quebra-cabeça chinês, a gente montava casinha, gato e intensificava a criatividade. (B. S).

Foi possível vislumbrar nos relatos abaixo uma grande preocupação com o brincar no ambiente em família, com a rotina das crianças, e nesse sentido os pais relatam as contribuições da parceria com a UEI, que tinha como foco apoiar as famílias orientando e organizando uma proposta de rotina com sugestões de brincadeiras e interações, de modo a não se distanciar do que preconiza os documentos Legais.

Quanto a rotina, tem que lutar para manter a rotina como se nada tivesse acontecido. Nesse quesito a escola faz falta, temos que ter muita criatividade para inventar as atividades, chega um momento que não temos mais criatividade, já brincamos a partir das brincadeiras da infância. É nesse momento que entram (professoras) com propostas de atividades de reciclagem, artesanato, e a minha filha se interessa muito. (H. M).

A oficina como as das massinhas, o painel da rotina foi super importante porque do nada tínhamos que ficar em casa e toda essa proposta de organização da rotina para que desse a continuidade do que ela já vivenciava na escola, foi muito importante porque dava para gente organizar os brinquedos, fazer leitura, tempo para o descanso, entre outras tarefas cotidianas que a gente realizava. (B. S).

Outras contribuições da UEI e o envolvimento com a família foram apontadas no Webinário, tais como as propostas de atividades lançadas e a ratificação do vínculos, pois, como citado pela mãe (B. S.): “Desde o início que a (filha) entrou nessa instituição, percebemos que ela aumentava muito o vínculo entre a família e a escola, porque geralmente há um certo distanciamento.” Quanto às propostas lançadas de oficinas e brincadeiras para os familiares junto das crianças, foram de extrema importância conforme os relatos, pois a prioridade nesse momento tão tenso estava centrada no brincar, nas interações e no fortalecimento de vínculos, como já mencionado.

As propostas que foram lançadas, elas foram superimportantes. No mês de junho com a oficina junina, L. R. estava interagindo com seus amigos e revendo os professores. Esse momento

gerou muito impacto pra gente, em especial para as crianças. [...] a gente também produziu tinta caseira e foi bem espontâneo ela querer criar um vídeo para divulgar.

A produção do vídeo citada pela mãe nos remete às discussões de Tonucci (2020) quando ele afirma: “[...] outra experiência que me parece importante é que as crianças façam vídeos de sua experiência em casa.”

Em continuidade a mãe destaca que “as propostas nos ajudaram bastante, principalmente aqui em casa e no desenvolvimento de L. R.), porque ela tende a dar continuidade das tarefas, interagindo com os brinquedos”.

Percebemos pelas falas, entre outros relatos que chegam no cotidiano, que as famílias também reconheceram a importância da casa como espaço educativo e de afeto, que foram construídos a partir da realidade de cada família, atingindo, assim, o nosso propósito nesse tempo de pandemia.

Considerações Finais

O contexto de pandemia vivido em todo o mundo neste momento é totalmente novo e atípico, levando-nos a repensar e a ressignificar nossas ações no trabalho com a educação infantil. Em meio às especificidades das crianças e desse período não habitual, redirecionamos nossas práticas e possibilidades de desenvolvimento da criança em uma construção diária e coletiva.

Por meio dos relatos, dos projetos desenvolvidos nos maternais I e II na UEIPTV, “Processo de adaptação e acolhimento: vivências no maternal I antes e durante o contexto de distanciamento social” e “Acolhimento e exploração de mundo na infância: vivências no maternal II antes e durante o distanciamento social”, respectivamente, percebemos que, em conformidade com Suzana Marcolino (2020, n. p.), as crianças realmente “precisam ter seus espaços para brincar, criar, bagunçar dentro de casa ou no quintal” e nessa rotina, “as crianças vão ganhando maior autonomia em relação à arrumação dos espaços e logo poderão fazer isso com menos ajuda”.

Vislumbramos que o envolvimento tem fortalecido o vínculo professoras–famílias–crianças que acreditamos ser responsável pelo comprometimento das famílias em compartilhar as vivências experienciadas em casa com as crianças. Nesse sentido tem sido muito positivo o retorno das famílias.

Ainda não sabemos quando se encerrará por completo o período de distanciamento social e, aos poucos, instituições educacionais estão retomando o formato presencial. Contudo, nesse interstício, iremos continuar garantindo o direito da criança, observando suas necessidades, dificuldades e realidades, auxiliando as famílias e aprendendo também nesse processo.

Referências

ALAGOAS. Decreto n.º 69.541 de 19 de março de 2020. Declara a situação de emergência no estado de Alagoas e intensifica as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do covid-19 (coronavírus) no âmbito do estado de Alagoas, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**, ano 108, n. 1287, 20 mar. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/MARIAP~1/AppData/Local/Temp/DECRETO%20N-a6%2069.541-%20DE%2020%20DE%20MAR-cO%20DE%202020.pdf. Acesso em: 29 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n.º **343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**, edição 53, seção 1, p. 39, 18 mar. 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

FOCHI, Paulo. Como zelar pela educação infantil em tempos de isolamento social? **Lunetas**, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://lunetas.com.br/como-zelar-pela-educacao-infantil-em-tempos-de-isolamento-social>. Acesso em: 28 set. 2020.

HADDAD, Lenira. A brincadeira da criança par Gilles Brougère: suas características e seu lugar na Educação Infantil. In: MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda; PALMA, Rute Cristina Domingos da; CARVALHO, Sandra Pavoeiro Tavares (Org.). **Processos e práticas na formação de professores da educação Infantil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013. p. 99-112).

MACEIÓ. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Maceió**. Maceió: Edufal, 2015. Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/allansecom/documento/2015/10/Orienta%C3%A7%C3%B5es-Curriculares.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

MARCOLINO, Suzana. As crianças e a pandemia: quais direitos? **ADUFAL**, 27 mar. 2020. n. p. Disponível em: <http://adufal.org.br/Conteudo/30526>. Acesso em: 28 set. 2020.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; LINO, Dalila. Os papéis das educadoras: as perspectivas das crianças. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia (Org.). **A escola vista pelas crianças**. Porto: Editora Porto, 2008.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de orientação**: Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital 2019-2021. Dez. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf. Acesso em: 14 mar. 2020.

TONUCCI, Francesco. Não percamos esse tempo precioso com lição de casa. **El País**, 12 abr. 2020. Entrevista concedida a Ana Pantaleoni e Gianluca Battista. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-12/francesco-tonucci-nao-percamos-esse-tempo-precioso-dando-deveres.html>. Acesso em: 29 set. 2020.

Recebido em: 01 de outubro de 2020.

Aceito em: 11 de outubro de 2021.